

O LÚDICO E A AFROIDENTIFICAÇÃO NA POESIA

ENTREVISTA COM O POETA AFRO-BRASILEIRO MARCOS FABRÍCIO LOPES DA SILVA* POR GUSTAVO TANUS**

THE LUDIC AND AFROIDENTIFICATION IN POETRY

INTERVIEW WITH THE POET AFRO-BRAZILIAN FABRÍCIO MARCOS LOPES DA SILVA

EL LÚDICO Y LA AFRO-IDENTIFICACIÓN EN LA POESÍA:

ENTREVISTA CON EL POETA AFRO-BRASILEÑO MARCOS FABRÍCIO LOPES DA SILVA

Marcos Fabrício Lopes da Silva, nascido em Brasília, local onde se graduou em jornalismo, mestre e doutor em estudos literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, é um escritor afro-brasileiro, que publicou os livros de poesia *Dezlokado* (2010), *Doelo* (2014) e *Chapa Quente* (2015)¹. Ademais de atuar em outros tantos ofícios das letras-literaturas,

* Professor das Faculdades Ascensão e JK, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
E-mail: marcosfabriciolopesdasilva@gmail.com.

** Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, NEIA/UFMG, e mestrando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UFMG.
E-mail: gustavotcs@gmail.com.

¹ Conferir o verbete dedicado ao poeta no site do *Literafro* – O portal da Literatura Afro-Brasileira, Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>.

é como crítico cultural/literário e como professor-pesquisador que localizamos a mediana do triângulo: poesia/linguagem/sentido, que liga o vértice “poesia” ao meio do lado oposto a esse vértice, dividindo “linguagem” e “sentido”.

A escrita desse poeta realiza um jogo lúdico entre linguagem e sentido que, em linhas gerais, marcada por um experimentalismo visual, numa linhagem concretista, igualmente utiliza linguagem mais urbana, rebelde, política, características da poesia marginal dos anos 1960-1970, e caminha na senda dos aforismos lúdicos – humor filosófico – de Millôr Fernandes, Luis Fernando Veríssimo, Mário Quintana.

Os aforismos são um gênero textual muito bem utilizado por Nietzsche para compor sua filosofia, como formas de “eternidade”. Eles são uma pequena imortalidade frente à borracha implacável do tempo que às vezes rasura textos inteiros, mas que nem sempre é tão inexorável com os aforismos, textos com a densidade de sentenças breves, concisas, porém complexas e precisas.

Marcos Fabrício é um escritor muito produtivo, e possui uma marcante honestidade e generosidade intelectual, seu modo de escritura “afroidentificado” parece usar da “filosofia do nós”², baseada na concepção inclusiva, como um eu integrante de uma estrutura social maior, movimentando uma espécie de “poética de nós”, que une, entrelaça, enreda-nos na matéria poética, expondo os procedimentos de desfazer e despertar nós.

² Conceito do filósofo TshiamalengaNtumba para designar o Ubuntu. NASCIMENTO, Alexandre do. Ubuntu como fundamento. *UJIMA*– Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros. Ano XX,n. XX, 2014.

Gustavo Tanus: O que orienta a sua escrita? E quais são as bordas e as margens?

Marcos Fabrício: Escrevo literatura para evitar a loucura de ser só eu mesmo. A minha escrita se propõe a participar, artisticamente, de um acerto de contas com o real. Pretende também marcar a presença do inusitado presente em nossas perspectivas mais andarilhas e dançarinas. Aprendi com Guimarães Rosa que a terceira margem do rio marca o terreno da imaginação ou do não normativo, por excelência. A literatura me permite a experimentar um mundo menos agendado e mais prazeroso possível. Acredito também no “pensamento de literatura” que, segundo Compagnon, demarca a contribuição da prosa e da poesia para melhorar as nossas bases especulativas em prol de uma radicalidade epistemológica que possa abraçar o dialógico, o plural e o diverso como virtudes fundamentais. A vida é a principal fonte dos meus escritos. A vida transfigurada, melhor dizendo. No sentido agudo da alteridade, aprecio as experiências literárias, tanto de leitura como de escrita, que mais conseguiram descentralizar o meu ego e, conseqüentemente, a minha rede de valores. É uma atitude marginal e tanta saber que a produção autoral e interpretativa melhor fica quanto mais periférica for a ostentação da nossa personalidade como *leitmotiv* para o mergulho da criação e da compreensão literária.

Gustavo Tanus: Se o campo literário fosse distendido como um mapa, com traçados latitudinais e longitudinais, quais seriam as orientações geográficas de marcosFabrício?

Marcos Fabrício: Nossa escrita é afroarquitetada, além de *dezlokada* (estilo *Vida Loka*, cantada por *Racionais MC's*, com nota dez de empenho e disposição pra levar um *papo reto*). Nosso fazer literário respeita a encruzilhada como matriz de criação polivalente. A literatura se configura como a escrita de nossas dívidas humanistas. Escrevo porque desconfio do poder e acredito no saber. O saber oferece pontes, enquanto o poder só considera as fontes. No campo autoral, melhor me percebo na linha de montagem textual. Lá onde o talento individual conversa de igual para igual com a tradição literária. Antes de mim, outros escreveram por mim. Por isso, vejo

a minha voz poética se somando ao coro dos descontentes. Minha escrita tem como norte dizer não às ideologias excludentes. A potência do não como autenticidade literária a serviço da emancipação das inteligências e das sensibilidades coletivas aprendi com a tradição contestatória de escritores e escritoras *da pesada*. A título de exemplo, vejo a minha literatura e o melhor de mim sendo representados no manifesto expressado pelo título “Não vou mais lavar os pratos” (grifo nosso), cunhado por Cristiane Sobral. As minhas orientações geográficas partem de um Brasil com norte, que olha pra dentro de si mesmo, que “mora no interior do meu interior”, conforme sublinha o músico Vander Lee. Pela vivência urbana em Brasília, sei o que é olhar pra fora. Se, de um lado, melhora o poder de observação; por outro, empobrece o saber do envolvimento. Nasci com excesso de céu e com falta de chão; aos poucos, fui equilibrando melhor as coisas, caindo sete e levantando oito vezes. O meu planalto tem recado do morro, e o morro é muito vivo e sabido. Aprendi isso no sobe-e-desce de Belo Horizonte, onde morei por dez *libertários* anos e estive *firme que nem prego no angu*.

Gustavo Tanus: há, na arte, o diálogo entre um artista e a obra de outro. É certo que os poetas dialogam com outros artistas e seus trabalhos. Quais seriam eles, e como se dá/se deu a relação?

Marcos Fabrício: Foi o plano B que se tornou o pleno A da minha vida. Comecei escrevendo pela vontade do Outro para depois chegar ao desejo por mim permitido. Desde criança, escrevo cartas, diários e redações. Lembro-me das cartas de amor que escrevi, quando garoto, para o namorado da cuidadora do nosso lar, a pedido dela; em troca, ganhei batata-frita no almoço, pudim no lanche e seriado japonês no jantar. Li muito gibi e literatura infanto-juvenil durante o percurso da curiosidade. Como experiência marcante de leitura, tenho como boas lembranças *Maria vai com as outras*, escrito por Sylvia Orthoff, e *Marcelo, martelo, marmelo*, produzido por Ruth Rocha. Nos tempos de moleque, a *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, me encantou mais do que o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Pedagogicamente, meu livro de cabeceira é *Uma*

professora muito maluquinha, do Ziraldo, obra acionada por mim bem mais tarde, já adulto. Tal livro me serviu de portal para as obras de Paulo Freire, com destaque para a *Pedagogia da autonomia*. Machado de Assis, nosso notável escritor, surgiu enquanto experiência surreal no 2º. grau e como causa de estudo maior, a partir da Faculdade de Jornalismo, por sugestão abençoada dos queridos mestres Lundhe Braghini e Antonio Barros. Desde ali, sobre as crônicas do “Bruxo do Cosme Velho”, dedico atenção maior e deste grande encontro surgiram, dentre outros feitos, a monografia, a dissertação e a tese, além de artigos, ensaios, resenhas e comunicações disponíveis virtualmente e de forma impressa.

Livros que abriram as portas da percepção: *Um autista muito especial* (Deusina Lopes da Cruz); *Carta ao Pai* (Franz Kafka); *A metamorfose* (Franz Kafka); *O velho e o mar* (Ernest Hemingway); *Crime e castigo* (Fiódor Dostoiévski); *Quarto de despejo* (Carolina Maria de Jesus); *A descoberta do mundo* (Clarice Lispector); *A hora da estrela* (Clarice Lispector); *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis); *Papéis Avulsos* (Machado de Assis); *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (Lima Barreto); *Hospício é Deus* (Maura Lopes Cançado); *Artesanato de Perguntas* (Carla Andrade); *Cinquenta* (Regina Mello); *Rosinha, minha canoa* (José Mauro de Vasconcelos); *O grande mentecapto* (Fernando Sabino); *A morte e morte de Quincas Berro D'Água* (Jorge Amado); *Vidas Secas* (Graciliano Ramos); *Grande sertão: veredas* (Guimarães Rosa); *O bagaço da laranja* (Nicolas Behr); *Cidade de Deus* (Paulo Lins); *Escarro* (Gustavo Lucas de Oliveira); *Os monstros nascem anjus* (Nov@to); *Primeirapessoaplural* (Lecy Pereira Sousa); *Crônicas de São Paulo* (Daniel Munduruku); *Transpaixão* (Waldo Motta); *A montanha mágica* (Thomas Mann); *Os nove pentes d'África* (Cidinha da Silva); *Ponciá Vicêncio* (Conceição Evaristo)...

Minha percepção de autoria tem muito a ver com esse poema escrito a próprio punho:

LETRAS POR CANTORIAS

Autoridade
eu não sou autor

nem inventor
do que eu mesmo falo
eu falho como dominador
considerando alguém
supremo compositor
original é se repetir
até o inédito cair
da pauta do criador
combino arquivos
com o sol nascente
e comovido
com o dançar da vida
troco letras
por cantorias

Graças à literatura, saí do lugar do sossego para me lançar na “sala de ser”, conforme termo lapidado pela pedagoga Mariane Rodrigues. Como escritor e leitor, alimento-me diariamente do manjar de escritos que se colocam à disposição da gente. Agora o desassossego existencialista como forma de apuração subjetiva, aprendi com Franz Kafka, Jean Paul-Sartre, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Cazuzu, Renato Russo e Soren Kierkegaard. Minha alegria inventiva devo sonoramente a Jorge Ben Jor e a Tim Maia. Aulas de poética do inusitado tenho com Raul Seixas, Sérgio Sampaio, Belchior e Jorge Mautner. Com Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, fui ao encontro da vida que ultrapassa todo e qualquer entendimento. Machado de Assis e Lima Barreto dividiram comigo a virtude irônica e satírica de ler o mundo de trás pra frente. Devo a Millôr Fernandes e ao seu livro *A bíblia do caos* os melhores aprendizados em matéria de aforismo, meu estilo poético por excelência. Preciso ser justo com Nietzsche que me ofereceu, com os seus escritos, belas aulas de síntese reflexiva. Aos dois mencionados filósofos, um do Meyer, outro da Alemanha, devo grande parte do êxito composicional do meu livreto *doelo*, publicado em 2014. A maioria dos textos ali presentes são *curta-poemas*, a exemplo deste: “o vinil me ensinou:/só ouvindo os dois lados/é que se escuta o disco inteiro”. Sobre o amor, o grande tema da literatura universal, dediquei o

meu terceiro livro, intitulado *Chapa quente* (2015), com poemas afetivos e afetados. A respeito, bem exemplica o poema “Seu nome que nem refrão”:

SEU NOME QUE NEM REFRÃO

durmo e você me acorda por dentro
pelo avesso transpiro lunaticamente
telepatia demais à espera de chamego

acordo e seu rosto sai do sonho
tomando conta do meu dia inteiro
como o tempo que não dorme nunca

amo sofrendo do coração
com a cabeça martelando
seu nome que nem refrão

Continuando no âmbito das *confluências*, mergulhos sentimentais profundos tive especialmente com *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, e *A insustentável leveza do ser*, com Milan Kundera. Experiências com situações de extremo limite foram por mim aprendidas por meio da leitura de *Crime e Castigo* (Dostoiévski), *Hospício é Deus* (Maria Lopes Cançado) e *Quarto de despejo* (Carolina Maria de Jesus). *O defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, foi o grande livro que eu não consegui ultrapassar por conta do meu *despreparo emocional*. Nem todas as bolas consigo matar no peito. Sobre o drama trágico da escravização submetida aos negros, não sai da minha cabeça essa triste cena do romance *Ponciá Vicêncio*, escrito por Conceição Evaristo:

O pai de Ponciá sabia ler todas as letras do alfabeto. Sabia de cor e saltado. Em qualquer lugar que visse as letras, as reconhecia. Não conseguia, porém, formar as sílabas e muito menos as palavras. Aprendera ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço. Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca,

pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas.

[...]

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver ser negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber.

Com as obras literárias de Cruz e Souza, Cuti, Edmilson de Almeida Pereira, Jorge Amancio, Adão Ventura e grandes autorias do mundo afrobrasileiro, fui rebuscando a minha negritude, expressa com qualidade estética, política e identitária. Inúmeras vezes, ouvindo *Negro Drama* (2002), gravada pelo *Racionais MC's*, e *Zumbi* (1974), na voz aguerrida de Jorge Ben Jor, produzi o que considero o *meu poema de trabalho*. Trata-se do poema *rapentista* chamado “Preto no branco” (*Dezlokado*, 2010):

PRETO NO BRANCO

Chicote e cacete falam a mesma língua,
seguros pelo cabo dos que estão por cima,
apagando, com a mancha branca que assassina,
a Pátria dos Quilombos que não se dá por vencida.
Zumbi dos Palmares e Xica da Silva
são lições de corpo e alma da mais linda rebeldia.
Mas todo mundo se lembra da princesa Alisabel,
a mamãe noel da liberdade doada.
Todo o favor quer um troco:
manter a pátria amada deitada em berço esplêndido.
Fantasia custa caro.

Sem saída vive o beco.
“O camburão é a gaiola do lixo humano”.
A limosine é a casa do luxo desumano.
Linha de cor, código de barra.
Quanto mais escuro for, o estigma vem e mata.
Na flor da pele o espinho do racismo
que alimenta o espelho do cinismo.
Casa grande e senzala.
Mansão e favela.
Feira e shopping.
Cozinha e sala.
Elevador social e elevador de serviço.
O Brasil entre a Ilha de Caras e o Cemitério dos Vivos.
Quem inventou essa hierarquia quer a língua do canhão.
Mama África excluída não precisa de patrão.
Foi o branco, de coroa e de cruz na mão,
que criou o pecado e a punição,
e de língua travada,
ainda ensaia um perdão.
A cabeça da gente está cheia de história
de branco no preto, de falsas glórias.
Nosso povo quer saber do outro lado:
preto no branco, sem esquecer do passado.
“Escurecendo a questão”, como diz o poeta,
Saberemos a razão do acrobata da dor
no picadeiro das bestas feras.

Gustavo Tanus: Sabemos que o escritor é, antes de tudo, um leitor, diante disso, quais livros (de literatura) você está lendo neste momento?

Marcos Fabrício: A literatura é a escola do espanto necessário. Há pouco, lendo a bula do medicamento *Citrato de sildenafila*, parei na seguinte promessa: “Citrato de sildenafila está indicado para o tratamento da disfunção erétil, que se entende como sendo a incapacidade de obter ou manter uma ereção (rigidez do pênis) suficiente para um desempenho sexual satisfatório”. Logo, corri para reler *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), escrito por Machado de Assis. Dentre vários propósitos, Brás Cubas almejava

entrar para a história como o criador de um remédio capaz de curar todos os males da Humanidade. Destaca-se nesse sentido a projeção que fazia Brás Cubas, ao imaginar as inúmeras vantagens financeiras e psicológicas que poderia individualmente obter a partir dos efeitos da propaganda em torno de sua figura e de seu “milagroso” medicamento:

Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Levando-se em conta o contexto da teoria da comunicação, entende-se por ruído todo fenômeno aleatório que perturba a transmissão correta das mensagens e que geralmente procura-se eliminar ao máximo, a fim de tornar comum o entendimento do conteúdo por parte do emissor e do receptor. Digamos: – amor da glória.

Não é que a literatura de Machado de Assis surtiu efeito em certos setores da mentalidade científica contemporânea. Com o texto mais ponderado e menos pretencioso, leia-se na citada bula do *Citrato de sildenafil* a relativização do sucesso do medicamento em questão:

Citrato de sildenafil atua favorecendo o relaxamento da musculatura lisa dos corpos cavernosos (principal estrutura erétil do pênis) e a dilatação das artérias que levam o sangue até eles, facilitando a entrada de sangue no pênis e conseqüentemente, favorecendo a ereção. *Para que citratode sildenafil seja eficaz, é necessário estímulo sexual* (grifo nosso).

Com humildade, a ciência progride melhor, sem apelar, portanto, para a arrogância. Estou revisando a minha masculinidade precipitada, por conta do machismo danoso, e a literatura vem me proporcionado uma “educação sentimental” nesse sentido. A poeta Paula Ziegler, em *Poesia*

quase erótica (2000), oferece ao público a bela imagem do tango como metáfora da liberdade amorosa: “te empurro/e te seguro/pela mão/para voltares/mais forte/te empurro/e te seguro pela mão/para voltares mais/forte te empurro/te quero e no/te quero”. Sentimos, ao ler “Tango”, o movimento da própria dança; uma virtude visual e corporal, ao mesmo tempo, se apresentam fortemente naquele texto.

Aprecio esse tipo de literatura que apresenta a expressão do amor com autonomia e alteridade. Tudo isso envolvido no campo libertário do desejo. Infelizmente, a cultura do machismo interditou, em grande parte, o discernimento afetivo oriundo da expressão do Outro. Penso na alteridade como respeito, amor maior chamado cuidado. Essa falta de cuidado masculino, ao longo dos tempos, sedimentou tensões muito fortes na questão de gênero. É instigante o livro *A puta* (2014), de Márcia Barbieri, com passagens textuais desconcertantes que projetam a literatura como uso inquieto da linguagem profunda:

- (I) Trazemos o germe da humanidade em nossas trompas, nada que multiplica pode ser inocente.
- (II) Todos os dias nos enfiam um pau duro no rabo. E tiram antes que se chegue ao gozo.
- (III) Os homens são mais ocos que os invertebrados, não entendo o porquê eles possuem respiração pulmonar, brânquias dariam conta do recado perfeitamente.
- (IV) A preocupação é uma arma engatilhada em direção à nossa cabeça, pronta pra estourar nossos miolos.
- (V) Não nascer é melhor do que viver no uivo.

Já no campo da relação entre literatura e etnicidade, é de suma importância conferir:

Quando crescer, todos os dias você verá brancos ludibriando negros, mas deixe-me dizer uma coisa, e nunca se esqueça disso: sempre que um branco trata um negro desta forma, não importa quem seja ele, o seu grau de riqueza ou a linhagem de sua família, esse homem branco é lixo.

Trata-se de um passagem marcante do livro *O sol é para todos* (1960), escrito por Harper Lee (1929-2016). O enredo gira em torno da saga do advogado Atticus e de seus dois filhos, Scout e Jem. Narrado pela pequena Scout, de seis anos, o livro mergulha na infância desses dois irmãos, na relação de admiração e cumplicidade com o pai e na perda da inocência em uma região profundamente marcada pelo racismo. Atticus é o advogado de um negro inocente acusado de estuprar uma mulher branca. Por esta razão, enfrenta represálias da comunidade racista. Harper Lee dá voz à menina Scout que admira o pai por seu senso de justiça e por conta de como ele lida com questões duras como a segregação racial no sul dos Estados Unidos. A trama transformou o romance em um libelo contra a violência racial e leitura obrigatória para entender a luta dos negros americanos pelos direitos civis.

No mais, adoro quando literatura e filosofia se encontram em uma boa prosa poética. É o caso raro e especial dos textos de Cidinha da Silva: “OBSERVAÇÃO DO MUNDO é um negócio que aumenta o balaio de conhecimento da pessoa. Encurta o caminho das dúvidas, amplia o horizonte de possibilidades. Acrescenta tijolos no barracão de sabedoria dos viventes”. Este e outros achados literários, você encontra nos livros da autora, como é o caso de *Você me deixe, viu?: eu vou bater meu tambor!* (2008).

Gustavo Tanus: Você considera que a literatura contribuiu para a expressão da alteridade? E, hoje, qual é a contribuição?

Marcos Fabrício: O curso de Letras, como guardião do ensino e aprendizagem do capital simbólico diferenciado, oferece repertório substancial para ultrapassarmos dimensões semânticas demasiadamente conservadoras e reducionistas. Esteticamente, no campo das Letras, busca-se o desejo de exprimir em belas formas sensações, sentimentos, ideias, o que é próprio do ser humano sensível. Existe também uma perspectiva política que oferece à cena literária um engajamento participativo relevante para a qualidade de vida individual e coletiva. A respeito, Edimilson de Almeida Pereira, em artigo integrante do livro *Africanidades e Relações Raciais*

(2014), destaca: “Como educador me interesso por uma perspectiva literária que – sem se constituir como um manual rígido – me auxilie na abordagem de temas complexos, a exemplo do racismo, com os meus alunos e a minha comunidade. Como escritor me bato por uma perspectiva literária não programática, comprometida, fundamentalmente, com a liberdade da experimentação estética. Porém, como escritor educador – fato que revela, antes de tudo, a minha condição de indivíduo envolvido numa teia de relações com outros indivíduos – não tenho como abdicar da tentativa de criar e partilhar uma perspectiva literária que – radical na defesa da liberdade estética, sublinhando-se aqui o direito permanente de experimentação com a linguagem – contribua para uma compreensão profunda de nossos dilemas sociais”.

A importância, portanto, da área de Letras para a *pedagogia da autonomia* (Paulo Freire) pode ser sintetizada na seguinte observação feita pelo escritor russo Gorki, citado por Nelson Werneck Sodré, em *Ofício do escritor* (1965): “Os jovens escritores devem assimilar profundamente uma ideia muito simples: não se acha as ideias no ar, como o azoto, as ideias nascem na terra, seu terreno é o trabalho, os materiais que o constituem são a observação, a comparação, o estudo – no fim de contas, os fatos, os fatos!”. Em *Teoria da Literatura* (2006), Terry Eagleton observa que “talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou ‘imaginativa’, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar”. Eagleton outorga ao intérprete a faculdade de discernir, de identificar e de plasmar o que seja literário. Quem escreve literatura divulga um discurso transgressor, criativo e provocativo por excelência, uma vez que relativiza a ordem da ideologia dominante para que seja alcançado uma posição transdiscursiva, isto é, a favor da pluralidade dialética de ideias e atitudes.

Cidinha da Silva, em *Baú de miudezas, sol e chuva* (2014), aproxima seu projeto literário do recurso futebolístico da “tabelinha” como metáfora para ilustrar o empenho criativo compartilhado entre autor e leitor: “Na literatura, em que posição jogo? No ataque ou na defesa? Em nenhuma das duas, respondi. Eu gosto do meio, gosto de armar o jogo. Não adianta ser Romário ou Reinaldo, se não houver Sócrates, Cerezo, Falcão,

Zidane, Didi, Júnior – que era lateral, mas dava tratos à bola como meio-campista genuíno e passava-a redonda aos atacantes. E como literatura é um jogo jogado junto, meu barato é armar, pôr a bola para rolar e deixar meus leitores na cara do gol”.

Sugere filosoficamente o professor Renato Nogueira dos Santos Junior, no precioso artigo “Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista” (*Revista da ABPN*, nov. 2011/fev. 2012), a máxima zulu e xhosa, *umuntu ngumuntu ngabantu* (“uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas”) para o enfrentamento do modelo egoísta predominantemente no mundo: “um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. A desumanização de outros seres humanos. A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas” (2011-2012, p. 148). O filósofo dá prosseguimento à reflexão, referindo-se a um provérbio desenvolvido pelo grupo étnico “Gikuyu”, localizado no Quênia:

Kiunuhugitruagwo (a avareza não alimenta) diz muito da perspectiva ubuntu e pode facilmente ser associada à ética ubuntu, porque se a realização de uma pessoa passa pelas outras, significa que a capacidade de partilhar com as outras é fator indispensável na construção individual. [...] Em outros termos, num sentido afroperspectivista, não ser avarento é compreender que o resultado de um trabalho individual nunca é realmente obra de uma pessoa; mas, sempre contou com a participação direta e indireta de outras pessoas. Portanto, o valor das coisas precisa ser compartilhado para reconhecermos as diversas faces de nossa existência junto com os outros (SANTOS JUNIOR, 2011-2012, p. 149).

Grande nome da literatura afrobrasileira, Arnaldo Xavier (1948-2004) disse: “todas as canções serão refeitas, no dia, e só quando não mais se ‘pertencer’ ao inimigo que se combate”. Quando os homens aprenderem a se ver como iguais e apostarem em pequenos gestos de simplicidade

e de entrega, terão trilhado boa parte do caminho até a paz. A solidariedade e a gentileza podem silenciar as dores da alma e refletir positivamente no próximo. Infelizmente, vivemos em uma sociedade marcada pela exclusão, que é opressiva em relação a grupos sociais não hegemônicos, como negros, mulheres, homossexuais, pessoas com deficiência e minorias religiosas. É muito difícil combater essa injustiça, porque ela não se limita à prática pontual e episódica de atos reprováveis por “pessoas más”. Pelo contrário, tal patologia tem caráter estrutural, pois impregna a cultura e a mentalidade dos brasileiros. Por isso, muito mais do que a punição, o remédio eficaz para o combate desse grave problema é a educação. Uma educação que forme pessoas mais abertas e solidárias, que respeite e sinta empatia pelo outro, capazes de enxergar igualdade em meio às diferenças.

Gustavo Tanus: Vemos que tanto os antigos quanto seus novos textos são frequentemente publicados na sua *timeline* do Facebook. Quais são as vantagens e/ou desvantagens desse tipo de publicação (indo além da perecibilidade)?

Marcos Fabrício: Pensando em escrita de autopermissão, devo minha estreia deliciosamente amadora à República do Pensamento, que se notabilizou como morada criativa, coletivo poético e blog literário (www.republicadopensamento.blogspot.com). Dali, fui me fortalecendo no papel de sensibilizador poético, tendo a rica oportunidade de trabalhar para o Projeto Pão e Poesia na Escola (2011-2012) como monitor e coordenador pedagógico de oficinas de produção literário voltado para o público infanto-juvenil. Os livros, de caminhada autoral, contaram sempre com edições interdependentes, fruto de um magistral trabalho coletivo que ajudou a gerar meus três “filhos” literários: *Dezlokado* (2010), *Doelo* (2014) e *Chapa Quente* (2015). Todos compostos por poesias afetivas e afetadas.

Virtualmente, disponibilizo meu fazer poético na internet, com destaque para o facebook (<https://www.facebook.com/marcosfabricio.lopesdasilva>). Participo regularmente de vários encontros de poesia, dos acadêmicos aos mais alternativos, por assim dizer. Experiência de interatividade muito rica. Serve para sentir “o calor da moçada”, numa escala

hipermoderna que, no fundo, é o espírito do tempo atualmente. A literatura é, por excelência, libertina e libertária, o que nos permite vivenciar outras temporalidades e espacialidades. Escrever para mim evita que eu tenha aquela velha opinião formada sobre tudo, como alertava o elogio da “metamorfose ambulante”, feito pelo músico-poeta Raul Seixas.

Assumo a minha tecnostalgia e, por isso, vibro cada vez mais com o poder de transformação racional e sensível que o livro proporciona. Templo da sabedoria que oferece o tempero do conhecimento. Livro aberto é convite pra arejar a mente, pra auxiliar o coração na batida percussiva das nossas vibrações emocionais. Isso não impede de reconhecer o suporte de luxo oferecido pelas redes sociais, a começar pela geração de escritores e leitores que floresceu a partir dos sites e dos blogs. Na vitrine do momento chamada *Facebook*, a literatura também aparece em meio a tantos outros estímulos comunicacionais. De todo o modo, penso no papel fundamental da mídia na projeção expositiva e argumentativa das obras literárias. Verifico na rede resenhas gravadas em vídeo, com material bastante atraente e elucidativo. O design, dentro da caminhada imagética, é parceiro fundamental para evidenciar positivamente o campo literário. As adaptações cinematográficas oferecem outras possibilidades de leitura que ampliam o potencial interpretativo de determinada obra que foi inicialmente germinada em livro.

Há uma série de oficinas e exposições espalhadas pelo país afora com o objetivo de difundir a leitura, a produção e a interpretação de textos, em formatos supertransados e interativos. As escolas, apesar dos pesares, são instituições de vanguarda na promoção da literatura brasileira, inclusive no campo fecundo dos debates a respeito. Os sebos se colocam como relevantes livrarias na promoção do acervo literário, articulando o passado com o presente editoriais. Acredito que a grande mídia poderia oferecer maior espaço para a divulgação crítica da obra literária, para além da propaganda propriamente dita. O surgimento de revistas especializadas mostra que há público interessado em adquirir o seu maior patrimônio imaterial: a cultura literária. A disposição de arquivos no *YouTube*, com uma série de possibilidades de exposição do campo literário brasileiro, é salutar para

o aquecimento fecundo das reflexões críticas, no bom sentido do termo. O conceito de biblioteca vem sendo repensado, saindo do contexto de gabinete, para alcançar estações de metrô e ônibus, e até mesmo açougues culturais. Fico pensando no papel da recepção dos consultórios enquanto mídia estratégia para expor a nossa literatura. Ler é saúde. Penso que os professores precisam trazer à tona para o bom estudo de nossa literatura a relação desta com as outras artes e demais mídias. A Literatura é a experiência melhor sucedida em matéria de transdisciplinaridade, na minha opinião. Por isso, a contribuição dela para a compreensão mais ampliada do cenário epistemológico é notória. Por último, sugiro a “literapia” como prática importante em matéria de gestão criativa da saúde holística. Ler é aprender a ser gente com g de gigante pela própria gentileza.

Eu não escrevo para ser eterno, prefiro ocupar, com a minha literatura, o “instante- já” das pessoas. Eu me desiludi da imortalidade textual, e quem me ensinou isso desde cedo foi o jornalismo, atividade que exerço desde 1999. Não quero entrar para a história. Se algum escrito meu fizer parte das recordações e reminiscências do público leitor, já me dou por satisfeito. Tipo Moraes Moreira, na linda canção *Sintonia* (1987): “Escute essa canção que é pra tocar no rádio/No rádio do seu coração./Você me sintoniza/E a gente então se liga nesta estação”.

No mais, o esquecimento já está posto e imposto, uma vez que assistimos a um processo de apagamento alienador, movido pela memória hegemônica. É preciso fazer frente a isso, mas também reconhecendo que a literatura de substância sempre jogou pelas laterais, buscando os espaços vazios deixados pela marcação para encantar e desencantar leitores em busca de conhecimento e autoconhecimento. A literatura também pode dar prazer, como também desprazer. De todo o modo, nunca seremos mais os mesmos, depois de entrar na *feira das palavras*. Pela poética de Adeilton Lima, por exemplo, tive acesso a melhor definição de autoestima disponível: “sempre diga eu te amo da boca pra dentro”.

Gustavo Tanus: Passados seis anos da publicação do seu primeiro livro *Dezlokado*, qual é a sua impressão sobre o acontecimento editorial que é

marca desse livro. Havia justificativa para a publicação, e se havia, ela ainda possui a força que tivera?

Marcos Fabrício: *Dezlokado*, para mim, foi uma experiência de maiuética interior incrível. Fui deixando as respostas e ficando com as perguntas. Assim se deu o processo de construção do livro, isto é, sua “partenogênese”, conforme sublinha a escritora Márcia Barbieri. A força do livro, da minha parte, se encontra no que já disse ao *Correio Braziliense*, de 23/7/2010: “O livro é isso, esse material que surgiu antes da semente vingar. [...] O *Dezlokado* nasce dessa necessidade de dar conta dos nossos sentimentos. E dar conta não é só embalar os sentimentos, mas ser abalado pelos sentimentos. [...] O deslocado é esse sujeito que está na encruzilhada e a percebe como autoconhecimento, como essa possibilidade que nós temos de lidar com a vida, a queda e a levantada. O exercício é de que abracemos essa tensão para elaborar”.

Gustavo Tanus: Qual a sua relação com a cidade de Brasília? Sabemos que essa cidade possui significados variados, alguns deles negativos. Como você a desenharia?

Marcos Fabrício: Eu não gosto de não gostar de Brasília. Meu amor pela cidade é crítico. Nada, nada ufanista. Sou avesso à procura de uma identidade específica que fundamente o orgulho local de ter nascido na “Capital da Esperança”. A cidade é linda em seu tripé nem sempre combinatório: céu, cerrado e arquitetura. Infelizmente, Brasília se perdeu em conchavos políticos e imobiliários, assim como o Brasil, considerando sua expressão majoritária. A utopia da estabilidade provoca uma realidade acomodada com os princípios falaciosos do *status quo*. Culturalmente, a cidade se salva por conta das mentes e dos corações lúdicos que a lucidez burocrática não anulou. É inaceitável fazer uma terceira ponte superfaturada para ligar elite com elite, enquanto o metrô foi feito de maneira desligada em relação a vários itinerários da cidade. Brasília transgride para o bem e para o mal. As pessoas de carne e osso são os monumentos que mais valem a pena visitar no coração do Planalto Central do país.

Como eu desenharia Brasília? Poeticamente:

beijo na boca da madrugada de Brasília
faço amor concreto com a solidão oferecida
tuas pernas asas eixos e baratas
pintam em mim alvoradas e rodoviárias
a pé disputo com as rodas o verde do parque
junto com o ipê planto raízes do Brasil
o diabo veste ternos de araque
deus matou o serviço pra curtir a água mineira
sinto-me um girassol humilde
movido pela marcha das margaridas
decreto uma ode à faixa de pedestre
por onde passa um monumental encanto
minha cidade é um tremendo avião
por mais que ela me diga não
ela me diz sim
no escurinho do *cine drive-in*

(Poesia publicada na *Antologia de Ouro*, organizada pelo Museu Nacional da Poesia, 2016).

Gustavo Tanus: Como poeta e como professor-pesquisador de literatura, diga-nos por que há uma distância entre a produção literária e a educação?

Marcos Fabrício: O professor Raúl H. Castagnimo, em *Que é literatura* (1969), propôs condensar a literatura em cinco definições: “1) literatura é sinfonia [eloquência]; 2) literatura: função lúdica do espírito; 3) literatura é evasão; 4) literatura é compromisso; 5) literatura, ânsia de imortalidade”. Inteligentemente, na canção *Nosso pequeno castelo* (2011), expressa o dilema existencial da literatura o grupo paulista *Teatro Mágico*, criado pelo poeta Fernando Anitelli: “no nosso livro, a nossa história é faz de conta ou é faz acontecer?”. Há uma distância entre a produção literária e a educação por várias razões. A princípio, destacarei uma questão curricular: existe uma forte tendência de começar o ensino da literatura, sem ouvir a voz do outro e prevalecendo o viés canônico. Por exemplo, o professor de Literatura, ao lecionar sobre Quinhentismo Brasileiro, costuma

destacar a carta de Pero Vaz de Caminha e as peças teatrais do Padre José de Anchieta, em que predominam a perspectiva eurocêntrica e consideradora do índio como “bom selvagem”, sem contrastar essa dimensão com a produção literária indígena, considerando, por exemplo, o cortejo com a contemporaneidade da produção autoral de nomes como o escritor paraense Daniel Munduruku que, em *Crônicas de São Paulo* (2004), a partir do olhar dos povos originários, desconstrói a versão colonialista e propõe um olhar alternativo a respeito da cultura brasileira. É um apanhado de dez crônicas sobre alguns lugares da cidade de São Paulo que possuem nomes indígenas. Os lugares que viraram parte do livro são: Tatuapé, Anhangabaú, Ibirapuera, Jabaquara, Guarapiranga, Butantã, Pirituba, Tietê e Tucuruvi. Os indígenas não nomeiam os lugares em homenagem a alguém, mas colocam nomes a partir de um fato ocorrido. Sob esse aspecto, o autor cria histórias e situações que possam ter sido fundamentais para a nomeação de determinados locais. Lógico que são apenas ficção, mas faz pensar o que pode ter ocorrido de verdade – principalmente nos mais curiosos: Anhangabaú, que significa *rio da assombração*, e Jabaquara, *lugar de escravos fugidos*. Dessa forma, as comunidades indígenas são lidas como civilizações produtoras de um tipo de saber não consagrado pela *literatura sancionada*, conforme expressa a feliz expressão de Antonio Candido, em *O direito à literatura* (1988).

Outra razão para o hiato existente entre a produção literária e a educação se refere à defasada condição epistemológica e performática dos próprios educadores. Educar é professar um ato de fé no ser humano. Para fazê-lo, é necessário saber fechar os olhos para se jogar em um abismo do improvável. O problema maior é que grande parte dos educadores não acredita em si mesmo. Ou seja, não é capaz de fechar os olhos para enxergar melhor a si mesmo e ver que há nele um universo inteiro que clama por uma verdadeira humanidade. Não crendo em si mesmo, como pode crer nas outras pessoas? Como educar para a diversidade? Como poderá ver a beleza que há no outro? Educar é sair de si e ir ao encontro do outro. É um ato de generosidade, de renúncia. Numa sociedade onde o que vale é o egoísmo, parece que pedir isso de alguém é absoluta falta de bom senso. Mas é justamente aí

que mora a grande dificuldade da educação nacional. Quando o outro pode ser plenamente o que é, a beleza acontece. É um aceitando o que é belo no outro e não acentuando o que há de feio, de triste. Isso é valorizar o menos ao invés do mais. Precisamos construir o caminho do acolhimento mútuo, do respeito ao outro, do encontro com a diversidade.

Levantados os problemas, como podemos aproximar mais a produção literária da educação? Apresentaremos como hipótese pensar a educação antropofágica como proposta pedagógica relevante e extremamente necessária para a vida em plenitude criativa. Por antropofagia, entendemos como habilidade modernista e moderna de construir o novo em diálogo criativo com a tradição. Por tradição, compreendemos aquele legado do passado que se presentificou para o bem da razão e da emoção articuladas. Modernidade, em linhas gerais, significa a novidade movida à historicidade. No universo brasileiro, destacar o modernismo como modernidade específica, em escala literária e cultural, significa reconhecer o importante papel de ações artísticas na relativização do horizonte erudito pela sabedoria do coloquialismo popular, irreverente e inventivo.

Há que se considerar também o papel da ironia nesta projeção expressiva, o que possibilitou fundamentar um dispositivo intelectual e emocional arejado em matéria de humor e sátira. Foi possível, partindo, por evidência consagrada, do acontecimento “Semana de Arte Moderna de 1922”, contar publicamente “segredos de liquidificador” que vitaminiaram o Brasil, evitando a fórmula ufanista-romântica. Assim, o senso crítico voltado para o “Brasil Profundo” saiu-se fortalecido nas construções literárias e artísticas daquele tempo, desdobrando-se positivamente na contemporaneidade. A nação se agigantou graças a um estatuto estético-político mais localizado e universal, ao mesmo tempo. Fez-se diálogo fecundo com as vanguardas europeias, com desenvoltura mais independente. A subserviência ideológica foi deixada mais de lado. Entrou em campo um tipo de originalidade, angariando combinações inusitadas de autorias múltiplas.

À luz do tropicalismo autêntico desenvolvido por Tom Zé, é possível ler o modernismo como excelência do atrito, marcada por duas linhas de força criadora: “a era autoral” e “a era do plagicombinador”. Penso,

neste caso, no saboroso *slogan* promovido no Movimento Antropofágico, que serviu de linha coletiva e, portanto, orgânica para orientar as autorias modernistas: “Tupi or not tupi. That’s the question!”. Desse modo, antropofagicamente Shakespeare e Lima Barreto foram assimilados com despojamento inaugural impressionante. Em relação ao dramaturgo inglês, ficou para a história o dilema clássico trazido por *Hamlet*: “To be or not to be! That’s the question!”. O adágio em destaque coloca em cena o questionamento existencial da condição humana: uma espécie de pêndulo que ora gravita para o sentido da autenticidade, ora caminha para o polo da dissimulação. Angustiado com a podridão imoral que tomava conta do Reino da Dinamarca, Hamlet percebeu que sua família, tomada pela coibição do poder, diminuiu a chama do “ser” para ficar com os holofotes do “ter”, isto é, do “não ser”. Os modernistas, tais como Mário e Oswald de Andrade, trouxeram esse clima especulativo para revisar a história brasileira, repercutindo um ângulo rico no tocante à poética da diversidade: nós, brasileiros, assumiremos autenticamente nossa formação indígena com respeitosa alteridade ou continuaremos a promover genocídios impostos aos povos originários, desde a bárbara colonização que se instalou em nossas terras? Convém destacar que o tema já havia sido trabalhado pelo autor pré-modernista Lima Barreto, ao construir corajosamente o personagem Policarpo Quaresma, um defensor apaixonado do idioma tupi-guarani como língua autenticamente brasileira.

Abrangente, a antropofagia como virtude educacional pode também interligar os campos da política e do esporte. O *slogan* “Yes, we can!” deu sustento simbólico à vitória de Barack Obama como primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos. Em bom português, o referido lema significa: “Sim, nós podemos!”. Uma bela sacada de *marketing* trouxe à tona o empoderamento coletivo representado pela ascensão da comunidade afrodescendente ao poder central que lhe é também de direito. Foi a realização, nas urnas, do desejo libertário do grande líder Martin Luther King: “Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças vão um dia viver em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter”. No futebol, o Clube Atlético Mineiro

(C.A.M) se apropriou antropofagicamente do refrão estadunidense para bordar o canto da torcida: “Yes, we C.A.M.!”. Construiu-se o mantra perfeito que levou o Galo ao maior título de sua história: a conquista da Taça Libertadores da América, em 2013. Criativamente, a torcida consolidou o arquétipo de que o Clube Atlético Mineiro logo representa potência coletiva triunfante. É justo perceber, nesta ordem, o diálogo frutífero, envolvendo este fato contemporâneo e a tradição salutar. Nos anos 70, em plena ditadura militar, o ídolo atleticano, Reinaldo, sempre comemorava os gols, reproduzindo o gesto do movimento Panteras Negras (coletivo empenhado na luta contra o racismo nos Estados Unidos): o artilheiro erguia o braço e cerrava o punho.

Em termos de pensamento crítico, as reflexões aqui arroladas ganham alto estofamento no livro *Vale quanto pesa* (1980), escrito por Silviano Santiago. A educação antropofágica rejeita o binômio fonte-influência (paradigma autocrático) para abraçar o livre fluxo da confluência (paradigma democrático). Nas palavras do eminente pesquisador: “faz-se necessário que o primeiro questionamento das categorias de fonte e influência, categorias de fundo lógico e complementar usadas para a compreensão dos produtos dominante e dominado, se dê por uma força e um movimento *paradoxais*, que por sua vez darão início a um processo tático e desconstrutor da literatura comparada, quando as obras em contraste escapam a um solo histórico e cultural homogêneo”. Portanto, graças à educação antropofágica, colocou-se em xeque “a verdade da universalidade colonizadora”, promovendo, por sua vez, “a verdade da universalidade diferencial”.

Submetida em 19 de julho de 2016

Aceita em 29 de abril de 2017

Publicada em 25 de agosto de 2017
